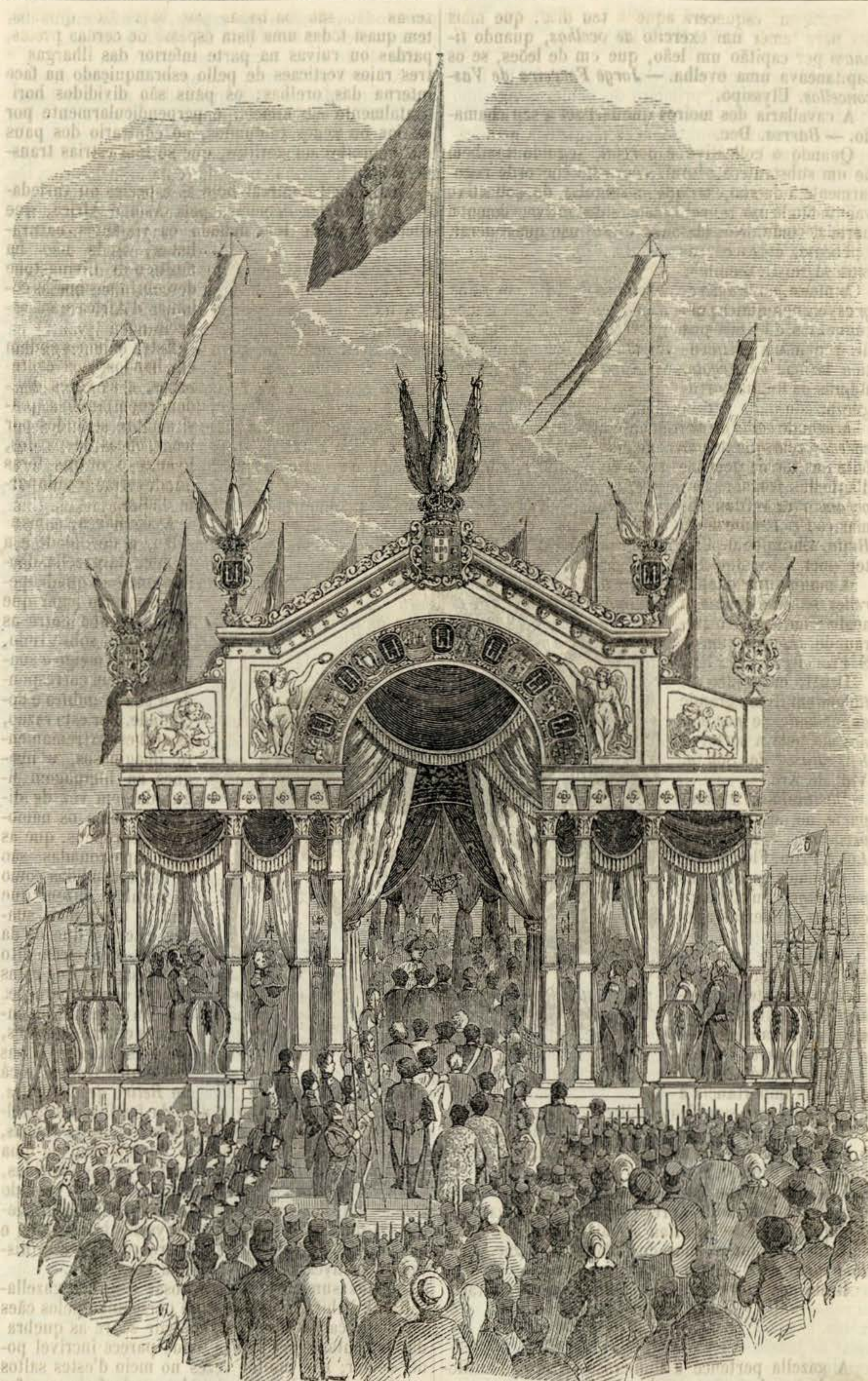


Pavilhão real onde a camara municipal de Lisboa entregou as chaves da cidade a el-rei D. Luiz I no dia da sua acclamação. — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

PAVILHÃO REAL

Os actos solemnes da acclamação d'el-rei D. Luiz Filippe de Bragança, primeiro do nome, e vigesimo oitavo na serie dos soberanos de Portugal, não foram devidamente acompanhados d'aquellas manifestações de jubilo e expansão de alegria, com que o povo portuguez costumou sempre festejar os monarchas no dia da sua exaltação ao throno, porque nunca fôra tão sensivel, nem tão profunda e geralmente chorada, com dor e saudade, a morte do antecedente imperante, como em nossos dias foi a do sabio e virtuoso rei D. Pedro v.

Comtudo, no dia 22 de dezembro de 1861, os raios da esperança que toda a nação tem na pessoa e merecimentos do novo principe, romperam o lucto geral; e nenhum soberano foi mais intimamente saudado na sua exaltação ao throno que S. M. el-rei D. Luiz.

Aprazado o dia para a solemne acclamação do novo soberano, foi elle primeiramente ao paço das cortes, jurar sobre os Santos Evangelhos, perante os representantes da nação, que havia de manter a religião catholica, apostolica, romana; a integridade do reino; observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do paiz, assim como prover ao bem geral da nação; sendo alli acclamado por ambos os corpos legislativos, e depois por todo o povo que enchia o largo das Cortes, quando o alferes-mór do reino, o marquez da Ribeira, chegou á varanda do palacio, fluctuando o estandarte, e clamou: *Real, real, real, pelo muito alto e poderoso senhor D. Luiz* I *rei de Portugal!*

Do palacio legislativo, e com mais numeroso acompanhamento, se dirigiu S. M. á egreja de S. Domingos, onde o esperava o patriarcha de Lisboa com o seu cabido, para a celebração do acto de acção de graças ao Todo Poderoso, a fim de que proteja e abençoe o novo reinado. Depois de cumprir este dever christão, é que Sua Magestade se encaminhou, com o mesmo sequito que trouxera do paço das Necessidades, para a magestosa praça do Commercio, onde a camara municipal o esperava no pavilhão que a nossa estampa representa, para ahi lhe entregar as chaves da cidade, em uma salva de oiro, metal de que tambem são feitas as chaves da nossa Lisboa.

Antes da entrega, o vereador presidente dirigiu a Sua Magestade um breve discurso, que fechou com este periodo:

«Que Deus abençoe e prolongue o reinado de Vossa Magestade por dilatados annos! Que as armas das cidades e villas notaveis do reino, collocadas em volta d'esta bella praça, sejam o emblema da nossa união! E que as bandeiras gloriosas que fluctuam sobre este pavilhão, sirvam de perpetuar a paz e alliança com todas as nações que representam!»

Allude-se ás bandeiras de Inglaterra, França, Hespanha, Italia, Brasil, Allemanha, Roma, etc. que estavam arvoradas sobre o pavilhão, e ás armas das cidades e villas do reino postas nos entrevãos das janellas dos edificios do estado que rodeam a praça do Commercio.

Concluida a ceremonia da entrega das chaves, o mesmo vereador presidente, voltado para o publico, acclamou por tres vezes o novo rei, acclamação que foi repetida pelas cem mil vozes de povo e tropa que enchia a praça, e das damas que pompeavam em todas as janellas que deitam para aquelle vastissimo terreiro.

Das fallas que n'esse dia proferiu El-rei D. Luiz, tomâmos, para deixar consignado n'estas paginas, o seguinte periodo, como mais honroso para Sua Magestade, para a memoria de seu augusto Irmão, e para toda a nação, que espera e confia muito das protestações e patriotismo do joven principe.

São d'elle estas memoraveis palavras.

«Ao povo portuguez, que aprendi a amar desde a mais tenra infancia, dedicarei toda a minha sollicitude, a fim de concorrer, quanto em mim caiba, para lhe assegurar o grau de prosperidade de que é tão digno. Seguirei com empenho os nobres exemplos que me deixou um Irmão querido, cuja falta dolorosa tão profundamente sentimos. A saudade que a todos nos inspira o fatal acontecimento que deplorâmos, sendo o mais honroso testimunho consagrado á memoria d'El-rei o Senhor D. Pedro v, é ao mesmo tempo o mais forte estimulo para que todos procuremos, como elle, cumprir os deveres que nos incumbe.»

A nossa estampa representa o pavilhão real, que a camara municipal de Lisboa mandou levantar na praça do Commercio, para n'elle fazer entrega das chaves da cidade a S. M. El-Rei D. Luiz.

Este pavilhão é de 26 columnas, da ordem composta, e de fórma polygonal para a parte do mar. Pelo lado que olha para a estatua Equestre, e desenha a nossa estampa, tem 18^{m},50 de altura, desde o chão até ao ápice do frontão, e 13^{m},30 de largura. Assenta sobre um entablamento flanqueado de 18 pedestaes, supportando 20 tripodes para fachos. Uma escadaria de doze degraus dá accesso para o pavimento onde estava o throno, debaixo de um docel de veludo carmesim forrado de arminho, caindo em mantelete. Do tecto pendiam 10 lustres bellissimos, para gaz.

As figuras allegoricas do frontão foram pintadas pelo sr. Zeferino; e os brazões que cercam a archivolta pelo sr. Januario Corrêa. Representam estes as armas das capitaes de provincia, alternadas com escudetes que tem no meio as iniciaes L. I. (Luiz I). Estas armas estavam primorosas, tanto pelo lado artistico como pelo heraldico.

Os mastros em que estão arvorados o estandarte real, as bandeiras e flammulas nacionaes, assim como as bandeiras das nações alliadas, sobem a grande altura. Os que formam tropheos de estandartes militares são muito mais baixos.

Aos lados do pavilhão, no prolongamento do caes das Columnas, havia 6 mastros venezianos com tropheos bellicos, tendo cada um sua tripode para facho.

Á noite illuminou-se a gaz todo o pavilhão, fazendo um bellissimo effeito, e attrahindo grande concurrencia, que não evacuou a amplissima praça do Commercio, em quanto no pavilhão permaneceram as bandas de musica de todos os corpos da guarnição.

Apesar de ser feito quasi de improviso, e em muitos dias e noites debaixo d'agua, este pavilhão é de certo o mais elegante e artistico de quantos tem riscado e dirigido o sr. P. Pézerat.

Nenhuma das photographias que se tiraram d'este ephemero monumento nos serviram, porque saíram pessimas.

O desenho que apresentâmos é feito pelo nosso collaborador artistico, o sr. Nogueira da Silva, com aquella fidelidade e esmero que os nossos assignantes terão, como nós, admirado e applaudido.

Á perfeição do desenho junta-se o primor da gravura, obra do sr. Pedroso, que está competindo com os trabalhos estrangeiros d'este genero.

A boa industria é supplemento da Omnipotencia; e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

UM CAMARADA EXEMPLAR

I

Que horas tão deleitaveis são as que seguem a um jantar de amigos, entre libações repetidas de Xerez, Bordeos e Porto, quando o fumo dos charutos envolve já os commensaes, levando a imaginação atraz de seus giros voluptuosos! Na memoria folheia-se melancolicamente o livro do passado, os segredos trasbordam de todos os corações; tiram-se as mascaras de todos os rostos; chovem as anecdotas, os ditos agudos, os contos, as historias, dramas e poemas!

Todos contam algum caso; até o mais taciturno e desconfiado patenteia o fundo da sua alma. Os criados saíram da casa de jantar; não se falla já de musica, nem de politica, nem de litteratura, nem de religião... Falla-se da vida, do tempo, da esperança, do mundo tal qual é. Todos os espiritos se elevam á mesma altura, e d'este cume de enthusiasmo lançam vistas retrospectivas ás planicies da existencia, e olhos serenos ao occaso dos dias...

Já o disse Byron: «Gosto do fogo, do crepitar da lenha, de uma garrafa de Champagne, e da boa conversação».

Não tinhamos lenha, porque principiava maio, e estavamos em Andaluzia, em Granada, na Alhambra, na casa de pasto das *Sete Nações*. Ha oito annos que isto foi.

Fallàramos de muitas pessoas; d'esse mesmo Byron, do duque de Reichstadt, de Luiz XIV, do Preste João das Indias, de Luiz de Camões, de Balsac, e d'outros muitos mortos illustres, quando, não sei por que senda, chegámos a fallar de monos, de fraldiqueiros, de hottentotes, e, por ultimo, de camaradas de officiaes.

Um capitão moço e valente, a quem dedico estas linhas, posto que ha muito não saiba se é vivo ou morto, *pediu a palavra*, e referiu-nos, pouco mais ou menos, o que se segue.

II

—Quero que formeis idéa exacta do que é um typo sublime que mal adivinhaes. Depois tirae as consequencias que quizerdes, em favor ou contra a civilisação actual, e continuae a discutir o progresso em geral, ácerca do machinismo, do instincto dos animaes, do merito e demerito das acções humanas, e da fórma social que melhor se ajuste com a nossa decadente natureza... Eu, que sou homem pratico, fico satisfeito com referir-vos um facto, ou antes, accusar-me de uma culpa.

— Temos historia! — dissemos todos repotreando-nos nas cadeiras — assim deve concluir a boa conversação.

— Falle, falle!

O capitão accendeu o terceiro charuto, e disse:

— Desde que saí do collegio, e entrei nas fileiras do exercito, até hoje, que decorreram já dez annos, só tenho tido dois impedidos, ou camaradas: o que vistes, e um Garcia... que é o heroe d'esta historia.

A voz do capitão tremeu ao pronunciar aquelle simples nome. Tomou um gole de café e continuou.

— Garcia era soldado realistado, homem de vinte e oito annos, natural de Totana [1], typo arabe, ou, antes, tunezino, de olhos negros, tez morena, poucas palavras, valor a toda a prova, e tão apaixonado nos odios como nas sympathias.

Devo, porém, observar que os odios e affectos eram n'elle o reflexo dos meus sentimentos; amava o que eu amava, e abominava o que eu aborrecia.

Nunca lhe conheci amante, nem vicio de especie alguma. Ignorei sempre o que comia ou quando descançava, porque a todas as horas estava ao alcance da minha voz, disposto a servir-me nos menores caprichos, com dinheiro ou sem elle, fosse dia ou noite, ardesse a terra com sol de verão ou houvesse gelo de um metro de altura.

Aquelle homem constituia a minha familia quando estava fóra de casa, que era quasi sempre; portanto devia estimal-o muito... e talvez o estimasse... vim a sabel-o mais tarde... adorava-o! Mas nunca me lembrei de pensar n'isso, o que é natural nos homens do meu caracter; o mesmo sou agora com minha mulher... e não a adoro menos. Em fim, vamos ao caso.

Pelo que disse comprehendereis que eu era um ente fabuloso aos olhos de Garcia, e que elle me idolatrava como o bom filho que adora ao mau pae. Ter-me satisfeito, evitar-me enfados, e merecer um olhar meu: eis a suprema felicidade d'aquelle homem. O genero humano é essencialmente bom. Acreditem.

Garcia, que era dez annos mais velho que eu, tratava-me por «senhor», e eu a elle por «tu».

Elle fazia-me o comer com mil cuidados. Os sobejos eram-lhe sufficiente alimento.

Eu, soldado voluntario, recebia mensalmente um bom soldo para me divertir. Elle, soldado forçado, tinha o insignificante pret, e trabalhava constantemente.

Eu não lhe pagava. Elle servia-me com prazer, enthusiasmo e carinho.

E, comtudo, não sei porquê, talvez preoccupações mesquinhas que se enraízam em nosso coração — eu tratava Garcia com certa dureza. Só lhe fallava para lhe dar ordens, para o reprehender por qualquer descuido, ou para lhe prohibir alguma coisa...

A minha voz era a sua ordenança viva.

Sou filho e irmão de militares; e o costume de obedecer rigorosamente dera-me o habito de mandar com rigor.

Mas quem era Garcia? Um inferior meu... um soldado da minha companhia... um subordinado!

Quanto não devia elle soffrer! Elle, que me queria como a ninguem, e nunca recebêra uma prova da minha amizade; nem ouvira nunca de meus labios uma palavra affectuosa; nem me apertára a mão ao separar-se de mim; nem me abraçára ao tornar a ver-me; nem pôde dizer-me nos perigos da guerra: «Cuidado, amigo»; que sempre amou, calou e soffreu na minha presença, como um pária ante o seu Deus, como o eunucho ante a sultana, como o escravo ante o senhor!..

Mas — estou certo de que me não engano... e depois o hei pensado muita vez — se Garcia caísse doente, se quizesse abandonar-me, se chorasse diante de mim... n'aquelle instante deixaria de ser meu inferior; ter-lhe-hia dito: «Garcia, não poderei viver sem ver-te...» em fim, certificára-me então de que eramos dois homens que se amavam como irmãos.

Não exaggero, meus amigos. Considerae o que é para um official o seu camarada.

Quando á meia noite eu regressava ao meu alojamento, só, triste e desgostoso, era elle quem me esperava.

Se estava doente, elle só cuidava de mim.

Ainda bem não appetecia uma coisa, ás vezes, e, sem lh'o dizer, elle adivinhava-o e procurava-m'a.

Na campanha estava ao meu lado.

Nas estradas, os seus braços serviam-me de ponte para vadear os rios.

No inverno deitava-se-me aos pés para os aquecer.

[1] Cidade da provincia de Murcia.

No verão resguardava-me com a sombra do seu corpo.

Elle era o unico que sabia do estado dos meus fundos.

Só elle podia adivinhar o estado do meu coração.

Via-me padecer, via-me chorar, via-me enamorado, debil, e olhava-me, sentia, calava, e saudava-me com o mesmo respeito.

Elle andava sempre em ralhos com as patroas para me fazerem os acipipes favoritos.

Forrava o meu dinheiro, ou, antes, roubava-me temporariamente para depois me tirar de algum apuro.

Revistava-me a roupa como se fôra mulher arranjada e cuidadosa.

Escovava-me o fato, penteava-me, e vestia-me.

Era, por ultimo, protector como pae, previdente como mãe, docil como filho, carinhoso como irmão, poupado como esposa, leal como amigo. Era uma familia inteira para mim... a minha *casa* ambulante!

Oh! aquelle homem não tinha existencia propria: vivia da minha vida, e morreu da minha morte!

Ouvi.

III

Quando tivemos a ultima guerra com os carlistas concluida já por enfraquecimento, achava-me eu na Catalunha ás ordens do general B***

Acompanhava-me Garcia.

Um dia encontrámos o inimigo proximo da povoação de Gironela.

Desde o alvorecer combatemos na melhor ordem; porém ao cair da tarde, quando a victoria era quasi nossa, fomos accommettidos á retaguarda por outra consideravel força.

Estavamos entre dois fogos.

O nosso coronel, vendo a coisa perdida, mandou tocar á retirada, e n'um momento quasi todos os soldados fugiram em debandada.

Porém eu não ouvi aquelle toque, e continuei a pelejar á frente da minha companhia, a qual occupava o extremo da ala direita.

Os carlistas avançaram.

Os meus soldados iam caindo á roda de mim como espigas ceifadas.

E eu não mandava retirar!

Estava louco; dominava-me a epilepsia, enfermidade que acompanha sempre todos os excessos das minhas paixões.

Mas tão estreitadas se viram aquellas victimas infelizes do meu cego furor, que fugiram por fim sem esperarem a minha ordem, deixando no campo a maior parte de seus companheiros.

Garcia julgou que eu tinha ordenado aquella fuga, e corria mais que todos, suppondo, de certo, que eu ia na frente da companhia.

Fiquei só.

Larguei a espingarda com que disparára o ultimo tiro, e desembainhei a espada.

D'este modo avancei para o inimigo, possuido de tão insensato impeto, que em breve caí por terra, preza de uma terrivel convulsão.

Os rebeldes julgaram que estava morto, e seguiram acossando os fugitivos.

Chegou a noite sem que eu recobrasse os sentidos.

Os restos de nossas forças estavam já em Gironela, onde se fortificavam e refaziam para cair no dia seguinte sobre os rebeldes, que tambem acâmparam em frente da pequena povoação.

Entretanto Garcia notára a minha falta, e decidira-se, para logo, a voltar ao theatro da acção, a fim de recolher o meu cadaver, se me achasse morto, ou soccorrer-me, se eu estivesse ferido.

Para o conseguir, tinha que atravessar o acampamento carlista.

Só um louco, ou uma extremosa mãe, teria concebido tão ousada empreza!

Garcia saíu da povoação acauteladamente, e, dando um rodeio de tres legoas, conseguiu atravessar a linha contraria.

Pouco depois encontrou-me entre os cadaveres.

Eu continuava desfallecido; mas entregue á estranha somnolencia que permitte ver e ouvir, mas não fallar nem ter movimento.

Garcia adivinhou immediatamente que eu só tinha o ataque epileptico; enxugou as lagrimas, refreou os soluços, tomou-me ás costas, e deitou a andar para Gironela.

Assim se foi aproximando dos rebeldes, impassivel, sereno, e resignado com a sua sorte.

Só um milagre podia salvar-nos.

Elle sabia-o; mas tambem sabia que se não empregasse os meios costumados para me tirar d'aquelle estado, ou me deixasse alli á intemperie, em horrivel noite de neve, podia ficar morto ao cabo de algumas horas.

Continuou, pois, o seu caminho.

Havia de novamente forçar a linha dos carlistas!

A escuridão da noite era a unica probabilidade que restava em nosso favor...

De subito a lua rompeu a cadeia de nuvens espessas, e appareceu cheia, formosa e radiante, illuminando todo aquelle solo nevado.

Garcia desprendeu um suspiro prevendo grande infortunio.

Previa-o eu tambem, inerte, exanime, deitado nas espadoas d'aquelle homem valoroso! Que horrendo pesadelo!..

Oh prodigio! Garcia atravessou com a sua carga a vinte passos de uma sentinella, sem ser descoberto por ella.

Já aquelle resignado homem tocava o termo de sua via dolorosa, quando os carlistas o enxergaram á claridade da lua.

— Quem vive? — gritou uma voz ao longe.

— A elle! — exclamou outra mais perto.

— Com mil bombas! — murmurou Garcia.

E estreitando-me convulsivamente os punhos, apertou o passo.

De repente, assobiou uma bala e soou um tiro.

O meu camarada parou. Vacillou com a carga, deu um suspiro, e caíu de rosto contra o solo.

Eu tambem caí.

Que noite aquella!

Primeiro senti que Garcia tremia, e que se retorcia sob o peso do meu corpo e entre os meus inertes braços...

Depois ficou tranquillo; e d'ahi foi arrefecendo pouco a pouco. Seus membros adquiriram, em fim, uma rijeza espantosa...

Estava morto.

Eu sabia-o, mas não podia mover-me.

Passei, pois, a noite abraçado a um cadaver... ao cadaver de Garcia!

Era o primeiro abraço que lhe dava!

O fresco da manhã restituiu-me os sentidos.

Ergui-me e lancei os olhos em torno de mim.

Estava só.

Os carlistas haviam levantado o campo durante a noite.

Examinei Garcia, e vi que a bala lhe entrára por umas costellas e saíra por outras.

Chegára-me então a vez de o tomar ás costas, e trémulo, vacillante, com os olhos humidos e o coração dilacerado, entrei em Gironela.

Alli está enterrado o pobre Garcia...

O seu nome hoje é para mim objecto de culto e veneração.

Quantas vezes não tenho supplicado louca e fervorosamente a Deus que o resuscite, para eu ter occasião de consolal-o da minha aspereza, e pagar-lhe com amor o seu sacrificio!

Desde então sou doce, affavel, e carinhoso com os meus inferiores, e em vez de pretender que a minha companhia trema diante de mim, e supponha que sou um ente de outra especie que a humana, desejo unicamente ser um amigo de todos os meus soldados, um preceptor, um conselheiro; porque tenho conhecido que, debaixo do grosseiro capote do soldado, bate ás vezes um coração maior e mais generoso que sob a farda agaloada do general.



A abestruz

Oh! quanto est'outro meu camarada louva a ternura paterna que tenho para com elle; quantas vezes tenho recebido as bençãos da minha companhia, e derramado o balsamo da consolação entre esses pobres filhos da patria, arrancados do seio de suas familias para servirem a ambição de alguns mofinos! Não é verdade, infeliz Garcia, que tu me sorris do ceo, dizendo:

—«O meu sacrificio não foi inutil, porque resgatou os meus camaradas!...»

....

Aqui o joven capitão conservou os olhos cravados no ceo; nós apertámos-lhe affectuosamente as mãos. Ao mesmo tempo a criada da casa de pasto entrou com a conta.

P. A. D'ALARCON.

A ABESTRUZ DOMESTICADA

Estamos em vespera de se vender carne de abestruz nos açougues, como tinha prognosticado o sabio naturalista I. Geoffroy Saint-Hilaire.

Os francezes tentavam, havia annos, fazer creação d'esta ave gigante dos desertos da Africa e das selvas da America, até que a final o conseguiram. Como ha abestruzes que pesam 3 arrobas (45 kilog.), só no açougue se podem vender estas rezes aladas.

Dizem já os creadores d'este elephante das aves, que a carne da abestruz, pela domesticação, torna-se tão saborosa e tenra como a da vitella. O sustento não é dispendioso, e consta só de herva e grãos. Cada ração para engordar ama abestruz equivale á de tres carneiros da maior raça. Ha porém quem diga que ha de ficar com fome.

Além da carne, os ovos da abestruz tambem são bons para gemmadas (de gigantes...), e para doce. Cada femea dá por anno uns 30 kilogrammas (2 arrobas) de gemmas de ovos. As pennas valem muito dinheiro, e são hoje raras no commercio, porque os caçadores, com a mira no lucro, iam dando cabo d'esta agigantada especie.

Tambem ha abestruzes anãs, que se podem crear nos pateos e jardins, como os cysnes, os pavões e os gamos.

Propria e particular da Africa e das ilhas visinhas d'este continente, e d'aquella parte da Asia que confina com a Africa, é a abestruz, que habita com preferencia os sitios desertos e áridos, onde rarissimamente chove; por isso se crê que esta ave não bebe agua. Vive em sociedade; porém sempre o mais longe dos homens que lhe é possivel. Ás vezes encontram-se nos sertões e desertos, bandos e bandos numerosissimos de abestruzes que de longe parecem esquadrões de cavallaria, a cujo aspecto mais de uma caravana tem ficado aterrada.

Se a abestruz voasse seria a maior das aves; mas como lhe foi negada esta faculdade, apenas se póde considerar como intermediaria entre as aves e os quadrupedes; até se reconhece bem por meio de um exame attento, que gozando ella muitas vantagens das primeiras, reune tambem algumas dos ultimos, porque a sua conformação, rigorosamente fallando, não é a das outras aves. Poderá ter de peso 2 a 3 arrobas (30 a 45 kilogrammas); participa algum tanto da configuração do camelo, tendo como elle o pescoço comprido e o lombo corcovado; além d'isto tem por baixo do sterno uma callosidade sobre que se assenta quando descança, conservando o pescoço erguido. Tem este animal as pernas fortes, muito altas e cobertas de uma pelle sensivelmente enverrugada; as côxas são carnudas e sem pennas; o pé fendido, e de côr escura, assenta sobre dois dedos armados cada um com uma unha aguda; tem tanta força que com um coice póde deitar por terra a qualquer homem; corre com rapidez admiravel, compensação que a natureza lhe deu recusando-lhe o vôo. A cabeça é pequena, delicada, chata e quasi calva; tem o craneo tão delgado e fragil que a mais pequena pancada lh'o quebraria, se não fosse reforçado por uma lamina cornea que o defende; tem o bico curto, recto e achatado. A lingua é pequena, e quasi inteiramente destituida do sentido do gosto; os olhos são de figura oval, e cercados de pestanas, o que lhe dá notavel singularidade entre as aves. O pescoço e a cabeça em vez de pennas tem um pello de duas qualidades, um mais fino que entra no fabrico dos chapeos ordinarios, outro mais grosso que se fia, e serve para fazer as ourelas ou ourelo dos pannos pretos.

Todos sabem quanto as pennas da abestruz são bellas, macias, e flexiveis como as barbas, ou fios de que ellas se compõem, separados, sem nenhuma ligação entre si; as das azas e da cauda são as mais compridas, mas não tanto nem tão consistentes que sirvam para voar; unicamente lhes servem de enfeite.

Na ponta de cada aza tem a abestruz dois como esporões de quasi uma pollegada, que lhe servem para se defender.

É fecundissima esta ave; faz cada anno muitas posturas de doze até quinze ovos cada uma. Mas em todos os tempos a abestruz foi considerada como symbolo das mães deshumanas, pela razão de dizerem que ella abandona os seus ovos, e que os não choca. Não sejamos levianos em abraçar esta opinião; se da mão da natureza escapam ás vezes alguns monstros, apenas individuaes, logo se conhece a sabedoria do seu creador quando se observam as especies. Se a abestruz não choca os ovos é porque este trabalho lhe é inutil, pelo que não merece que a reputemos por mãe deshumana. Basta que ella deposite os ovos sobre um monticulo de areia que junta com os pés, para que o calor do sol os choque, e faça com que sáiam os filhos; só ás vezes lhes vae dar um pouco de calor, e nem sempre isto é necessario, pois que se tem visto muitas vezes tirarem os ovos sem serem aquecidos pela mãe, e até sem estarem expostos aos raios do sol.

Mas, com quanto a abestruz se dispense de chocar os ovos, está bem longe de abandonar a sua prole; pelo contrario, nunca perde os filhos de vista, e véla com muito cuidado pela sua conservação.

As abestruzes novas são de côr gris cinzenta, no primeiro anno; tem pennas por todo o corpo, mas são falsas, isto é, cáem por si, e não tornam a nascer nos pontos que hão de ficar inteiramente calvos, como são a cabeça, o alto do pescoço, as côxas, as ilhargas, e debaixo das azas; no resto do corpo são substituidas por umas pennas brancas e pretas, alternadas; ás vezes são todas grises, o que succede com a mistura d'estas duas côres.

A carne da abestruz é insipida, só guizada com môlho picante se póde comer; todavia ha povos inteiros que se sustentam d'esta vianda; ainda hoje os habitantes da Libya e da Numidia as criam para comer, e para lhes venderem as pennas; tem por mais saborosas as que são novas.

Os golotões ricaços da Roma antiga serviam abestruzes nas suas mesas; porém era mais o luxo da raridade e da grandeza que o sabor da ave, a causa d'esta exhibição.

Conta-se do cruel e devasso imperador Heliogábalo, que n'um banquete apresentára na sua mesa um prato de miolos de seiscentas abestruzes! Só este facto da vida de Heliogábalo bastava para o capitular de louco rematado.

Os ovos da abestruz são muito grandes; tem o peso de quinze a vinte ovos de galinha, e não são maus para comer. Ha quem diga que um só basta para o jantar de oito homens! Da casca, que é muito grossa, faz-se uma especie de taça, ou cuia, que endurece com o tempo, e algum tanto se parece com o marfim.

Outra operação fazem os arabes quando matam a abestruz; abrem-lhe a garganta, fazem uma ligadura por baixo da incisão, pegam-lhe depois tres ou quatro homens, sacodem-n'a e espremem-n'a como quem espreme um odre para ficar bem escorrido; feito isto, desatam a ligadura, e sáe pela incisão da garganta grande quantidade de manteiga, na consistencia de azeite coalhado, que não é mais que a mixtão do sangue e gordura da ave.

Os ethiopes esfolam a abestruz para lhe aproveitarem o coiro, que é muito espesso, e tanto que os arabes faziam d'elle colletes que lhe serviam de coiraça e broquel. Belon diz que vira muitas d'estas pelles, ainda com as pennas, nas lojas da Alexandria. Em todo o tempo se fez grande estimação das pennas da cauda e das azas da abestruz. Os antigos usavam d'ellas nos pennachos, e hoje as nossas damas as trazem por enfeite na cabeça.

Com muita facilidade se amansam as abestruzes, e a tal ponto se domam, que até consentem que se lhes montem no lombo. (Vid. a estampa).

Adanson affirma ter visto uma abestruz, na feitoria de Todor, que corria mais veloz que o melhor andarilho inglez, levando dois negros ás costas. Se se podessem guiar taes aves, eram optimas para substituir o camelo.

Quando as abestruzes são muito perseguidas pelos caçadores, e conhecem que lhes não podem escapar, escondem a cabeça entre as azas, julgando que assim não serão vistas. É isto de certo instincto da natureza, que lhes faz conhecer que é esta a parte mais fragil do seu corpo; pelo que ellas põem todo o cuidado em a acautelar do menor perigo. Cada ente vivo tem seu modo particular de se defender; e o Creador, sujeitando á lei da morte todas as creaturas, não se esqueceu de inspirar a cada individuo um horror invencivel ao fim da vida.

JOSÉ JAMES FORRESTER

(Vid. pag. 331)

IV

Era nas exposições que se revelava todo o genio de Forrester, que n'estas civilisadoras festas da industria e do trabalho era sempre o primeiro, concorrendo para ellas com as suas curiosas e multiplices collecções, sempre variadas e interessantes.

Precorrendo-se com a vista o quadro geral de qualquer exposição, adivinhava-se logo o logar do barão de Forrester. O illustre membro da Sociedade Agricola do Porto com difficuldade encontraria quem o imitasse no gosto, symetria, e ordenada disposição com que apresentava os seus productos, que só elles formavam uma exposição na exposição.

Concorrente á primeira universal de Londres, em 1851, com muitas amostras de vinhos, vinagres e azeites, todos feitos debaixo da sua direcção, teve o desgosto de ver que os seus productos, com quanto chegassem a Lisboa ao mesmo tempo que objectos similhantes de outros expositores, não tinham sido enviados para Londres, para onde foram os dos outros que alcançaram medalhas, e honrosas menções. D'esta falta e desconsideração se queixava elle muito, e nomeadamente patenteou este seu desgosto no opusculo «*Algumas palavras sobre a Exposição de Paris*».

Como auctor, productor e collector, concorreu tambem em 1855, na qualidade de expositor portuguez, á exposição universal de Paris, com mais de quatrocentos artigos, todos de producção portugueza, sobresaindo entre elles varias obras sobre Portugal, e especialmente sobre o rio Douro e paizes circumvisinhos; vinhos, azeites e vinagres; modelos de lagares de vinho e prensas de azeite com alguns melhoramentos introduzidos por elle, conjunctamente com seus filhos; uma variada collecção agricola das producções do Douro, necessarias para o alimento e conforto do homem e de animaes; e finalmente differentes outros objectos caracteristicos do uso e da feição original dos povos d'este paiz. Nem todos os seus productos foram admittidos n'esta exposição; mas ainda assim, mais feliz que na exposição ingleza, teve a gloria de ser premiado com uma medalha de prata de primeira classe, e seis honrosas menções: [1] honras que não foram conferidas a nenhum outro expositor da industria portugueza, resultando, que entre 407 expositores de productos de Portugal na referida exposição, Forrester obteve a vigesima parte de todas as medalhas de prata de primeira classe, e a vigesima terceira parte de todas as honrosas menções que foram concedidas a Portugal pelo jury universal. [1]

Nas duas exposições agricolas do Porto, Forrester foi um dos principaes expositores, concorrendo muito para abrilhantar e engrandecer estas duas festas nacionaes, que tanta gloria deram a esta cidade — sempre a primeira em todas as iniciativas uteis e fecundas — como tão judiciosamente disse o Senhor D. Pedro V. N'estas duas exposições alcançou Forrester um premio de honra, uma medalha de prata com louvor, e cinco honrosas menções. Para a exposição que se effectuou no Porto em agosto preterito, promovida pela Associação Industrial Portuense, preparava elle lindos e interessantes trabalhos de desenho e photographia, que não chegou a concluir por causa da sua desgraçada e prematura morte. N'esta exposição conheceu-se bem a sua falta, e como saudoso reconhecimento á memoria de tão prestante e solicito expositor, alli se achava o seu retrato ornado com uma coroa de perpetuas, collocado á direita do outro do presidente da Associação Industrial. É que esta benemerita Associação comprehendeu, e bem, que só ao barão de Forrester competia aquelle honroso logar!

(Continúa) A. M. LEONE

[1] «Algumas palavras sobre a exposição de Paris» pelo B. de Forrester a fl. 41.

[1] Extracto do opusculo official publicado em Paris. — «Récompenses accordées aux exposants Portugais pour le Jury international de l'Exposition universelle de l'industrie et de l'agriculture». 1855.

JORNALISMO PORTUGUEZ EM 1861

A seguinte relação methodica dos jornaes scientificos, litterarios, politicos etc., que se publicaram em Portugal e suas possessões ultramarinas, durante o anno proximo findo, representa uma somma avultadissima de trabalho intellectual, manual e industrial, que denota bem o progresso successivo d'este poderoso elemento da instrucção e civilisação, a imprensa, não só no continente do reino, mas tambem nas suas remotas possessões.

Quando podermos colligir as estatisticas das publicações periodicas de outras nações, durante o anno proximo passado, reconheceremos que Portugal não fica mui distante, n'este ponto, e na devida proporção, das nações mais cultas do mundo.

Por em quanto só podémos averiguar, que nas differentes cidades e villas da monarchia portugueza se publicaram 131 jornaes; 74 politicos e 57 litterarios.

JORNAES SCIENTIFICOS, LITTERARIOS, INDUSTRIAES E ARTISTICOS

Annaes da propagação da Fé....	Lisboa
Amigo da Religião.............	»
Archivo Familiar..............	»
Archivo Municipal.............	»
Archivo Pittoresco............	»
Archivo Rural.................	»
Archivo Universal.............	»
Aurora Litteraria.............	»
Boletim do Consultorio Homoeopathico.........	»
Boletim de Pharmacia..........	Porto
Boletim geral de Instrucção Publica..........	Lisboa

Boletim official da Instrucção Publica	Lisboa
Boletim do ministerio das Obras Publicas	»
Verité (La) matérielle	»
Correio de Annuncios	»
Correio de Setubal	Setubal
Cysne do Mondego	Coimbra
Despertador	Lisboa
Ensaio Litterario	»
Escholiaste Eborense	Evora
Escholiaste Medico	Lisboa
Escholastico	Braga
Estreia Litteraria	Coimbra
Estrella d'Alva	Lisboa
Estrella Oriental	Ilha de S. Miguel
Fayalense	Ilha do Fayal
Fé Catholica	Lisboa
Figaro à Lisbonne	»
Federação	»
Flor do Oceano	Ilha da Madeira
Gazeta Medica	Lisboa
Gazeta dos Tribunaes	»
Grinalda Poetica	Porto
Instituto	Coimbra
Instrucção	Lisboa
Jornal da Associação Industrial Portuense	Porto
Jornal da Associação dos Professores	Lisboa
Jornal dos Artistas	Porto
Jornal da Sociedade Agricola do Porto	»
Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas	Lisboa
Lisboa Artistica	»
Martyrio	Braga
Miscellanea Musical	Porto
Jornal de Pharmacia	Lisboa
Pensamento	Braga
Phosphoro	Coimbra
Preludios Litterarios	»
Recreativo Litterario	Lisboa
Revista Contemporanea	»
Revista Militar	»
Rocio	Porto
Semanario Philarmonico	Lisboa
Tentativa	Leiria
Terceira	Ilha Terceira
Tira-Teimas	Coimbra
Tirocinio Litterario	Elvas
Vêspa	Porto

JORNAES POLITICOS

Açoriano Oriental	Ilha de S. Miguel
Amigo do Povo	Porto
Angrense	Ilha Terceira
Asmodeu	Lisboa
Aurora dos Açores	Ilha de S. Miguel
Aurora do Lima	Vianna.
Barcellense	Barcellos
Bejense	Beja
Bem Publico	Lisboa
Boletim official de Angra	Ilha Terceira
Boletim official do governo de Cabo-Verde	Praia
Boletim do governo do estado da India	Nova Goa
Boletim do governo de Angola	Loanda
Boletim do governo de Benguella	S. Filippe
Boletim do governo de Moçambique	Moçambique
Boletim do governo de Macau	Macau
Boletim do ministerio da Guerra	Lisboa
Bracarense	Braga
Braz Tisana	Porto
Campeão das Provincias	Aveiro
Campo Neutro	Ilha da Madeira
Chronica dos Theatros	Lisboa
Civilisador	Porto
Commercio de Coimbra	Coimbra
Commercio Michaelense	Ilha de S. Miguel
Commercio do Porto	Porto
Conciliador	Guimarães
Conimbricense	Coimbra
Democracia	Lisboa
Diario de Lisboa	»
Diario do Povo	Porto
Direito	Ilha da Madeira
Districto de Leiria	Leiria
Direito	Porto
Echo de Barcellos	Barcellos
Epocha	Lisboa
Folha Commercial	»
Funchalense	Ilha da Madeira
Gremio Alemtejano	Coimbra
Ilha	Ilha de S. Miguel
Independencia	Porto
Independencia, jornal anti-Iberico	Lisboa
Independente	Braga
Insulano	Ilha Terceira
Jornal do Commercio	Lisboa
Jornal do Porto	Porto
Justiça	Ilha da Madeira
Lei	»
Leiriense	Leiria
Liberdade	Lisboa
Luso	Porto
Magriço	Trancoso
Nação	Lisboa
Nacional	Porto
Opinião	Lisboa
Parlamento	»
Politica Liberal	»
Portugal Independente	Coimbra
Portuguez	Lisboa
Povo Legitimista	»
Primeiro de Dezembro	Porto
Purgatorio	»
Rayo	»
Razão	Valença
Revolução de Setembro	Lisboa
Transtagano	Elvas
Tribuno Popular	Coimbra
União	Ilha de S. Miguel
Ultramar	Margão
Viannense	Vianna
Villa Franquense	Villa Franca
Viriato	Vizeu
Voz do Alemtejo	Elvas
Voz do Povo	Ilha da Madeira

D'esta estatistica resulta, que as cidades que mais contribuiram para as publicações periodicas do anno passado foram — Lisboa com 50 (32 litterarios e 18 politicos) — Porto com 21 (8 litterarios e 13 politicos) — Coimbra com 11 (6 litterarios e 5 politicos).

Só no *reino* do Algarve é que não houve nenhum jornal!

Explicação dos enigmas dos numeros 41 e 42

N. 41 — Vapor, caminhos de ferro, e telegraphos electricos, são as verdadeiras maravilhas do mundo.

N. 42 — A maior parte dos trabalhos procedem mais da lingua que das obras.